

O mez da gripe - um coro a muitas vozes

Valêncio Xavier é um destes artistas que conseguiram trazer para o texto escrito a experiência adquirida em outros meios de expressão. Suas atividades no desenho, no cinema, na televisão, estão presentes sempre nos textos que publica e, se há um longo caminho percorrido desde os seus primeiros trabalhos impressos e, mesmo, desde *Curitiba, de Nós*, em colaboração com Poty, cuja primeira edição em livro é de 1975, mas que já aparecera parcialmente na imprensa em 1970-71, todo este caminho está marcado por uma relação entre palavra e imagem, imagem e movimento, o branco e preto da página, prosa e verso, jornalismo e ficção, etc.

Se *Curitiba, de Nós* tem um toque envolvente, evocativo, a linguagem de Valêncio foi-se adensando e tornando cada vez mais rica e complexa, até nos dar textos de uma densidade tão intensa como a de *O Minotauro* (1985) e de alguns contos publicados recentemente em *Nicolau*, passando ainda pelo "minimalismo" surpreendente de *O Mistério da Prostituta Japonesa & Mimi-Nashi-Oishi* (1986).

Pois bem, neste universo que oscila entre a máxima contenção e um não sei quê de opulência, há um momento de exuberância expressiva: *O Mez da Gripe*, cuja primeira edição é de 1981. Pediram-me um

texto para esta segunda que ainda vai sair, mas vou basear-me no exemplar de que ainda disponho, para dizer de minha admiração por esta obra, que me parece única e uma contribuição importante para o encontro de um caminho para a literatura em convívio com as demais linguagens do mundo moderno. Dizem que vivemos no século da imagem visual e que a palavra está em decadência. Mas, justamente em face da invasão das imagens visuais, torna-se fascinante acompanhar as obras que conseguem fazer literatura e, ao mesmo tempo, utilizar os elementos proporcionados pelas outras artes.

A capa do livro, desenhada por Rones Dumke, já nos dá a imagem de um homem de rosto sério e de bigode, contra o fundo de uma rua curitibana e de nuvens em que se distingue claramente um amontoado de caveiras. E no canto direito, um

M encimado por uma cruz, tudo isto sobrepondo-se ao título *O Mez da Gripe, Novella de Valêncio Xavier*. A mistura de ortografia antiga e do *e* com acento circunflexo já mostra que o livro pretende transportar-nos para os idos de 1918, numa brochura que se apresenta como "novella", não obstante a utilização intensa de recursos visuais, com um questionamento evidente da fixidez dos gêneros.

Já na p. 5 vem em epígrafe uma citação

M



BORIS SCHNAIDERMAN é professor aposentado do curso de Russo do Departamento de Línguas Orientais da FFLCH-USP, tradutor e ensaísta. É autor de *Turbilhão e Semente* (Editora Duas Cidades) e *Dostoiévski - Poesia em Prosa* (Editora Perspectiva).

Foi somente no início da década de 1980 que eu tomei conhecimento da existência de Valêncio Xavier, graças a um pequeno ensaio que Décio Pignatari publicou no "Folhetim" da *Folha de S. Paulo* e que me deixou muito interessado no caminho percorrido por este escritor, que reunia, de modo tão completo, sua preocupação com a imagem e com a expressão verbal. Depois, em 1985, tive a satisfação de receber *O Minotauro*, livro então lançado e que foi o meu primeiro contato com os seus textos. Publiquei então uma resenha na *Folha de S. Paulo* de 29/12/1985. A partir daí, estabeleceu-se comunicação direta com Valêncio, que era bem conhecido em seu estado, o Paraná, relativamente famoso no sul do Brasil e pouco divulgado no resto do país. Seguem-se um trabalho meu, que deveria ter servido de posfácio a uma projetada reedição de *O Mez da Gripe*, e um texto que lhe pedi para este número da *Revista USP*.

MOLESTIAS DO PEITO



Se a losse vos
persegue
USAE O
Xarope de
Grindelia
de OLIVEIRA JUNIOR

O MEDICO: Então! Sente-se melhor?
A DOENTE: Muito pouco. Estou vendo, doutor, que não
há remédio mais appellar para o XAROPE DE GRINDELIA.

UNICO QUE CURA

do Marquês de Sade, bem sinistra, bem macabra, e que vai repercutir no livro todo.

Deste modo, já começam a falar algumas das vozes do livro. Temos aí a voz de Sade e uma outra voz relacionada com esta e que ainda não ficou totalmente definida. Seria o homem de bigode? Ele ainda vai aparecer nas páginas seguintes. Na p. 9 nós vamos encontrá-lo com a mesma expressão séria e indefinida e, ao lado, uma legenda que ainda não nos vai precisar totalmente o quadro:

“Um homem eu caminho sozinho
nesta cidade sem gente
as gentes estão nas casas
a gripe”.

A partir da p. 14, há um personagem violentamente erótico e fala de cenas delirantes e sensuais, que ocorrem com uma parceira atacada de gripe. Mas é somente na p. 52 que vamos perceber, graças ao desenho, que se trata do mesmo homem dos bigodes em ponta e de rosto impassível, num contraste impressionante com as cenas descritas. Aliás, esta identificação das duas vozes é confirmada na p. 62.

O contraste violento fica sublinhado, ainda, pelo modo como as imagens e as legendas estão agrupadas em cada página. Temos colagem de iconografia da época, mas estas colagens se dispõem por contras-

te, segundo um procedimento que lembra muito a montagem cinematográfica.

Se anotamos este fio narrativo que se percebe em meio a tantas outras imagens trazidas à tona, percebemos que na p. 57 o homem dos bigodes diz que nada mais lhe importa, naquela casa onde a mulher jaz em delírio de febre e o marido tem uma tosse que ecoa por todos os quartos. E na p. 62, o homem abandona a cidade entregue à gripe.

Mas, veja-se bem, se é possível detectar esta historieta macabra, ela se entretetece com inúmeras outras, numa Curitiba sob o domínio completo de Eros e Tânatos, e este fio constitui apenas um dos momentos da vida da comunidade, onde repercutem inúmeras outras vozes.

As descrições do ambiente em que tudo isso ocorre, e que numa ficção tradicional ocupariam páginas e mais páginas, são dadas por elementos iconográficos. Assim, os cartões-postais de Curitiba em 1918 nos trazem aquele “perfume do passado”, aquela atmosfera em que há um misto de *belle-époque* e marca bem provinciana. Esta é quase uma voz em sussurro.

Também os anúncios, dispostos com muita frequência segundo uma técnica de montagem, contribuem para esta ambientação. Como exemplo típico, temos a p. 50. No alto, a data: “DIA 16 SÁBADO”. Depois, uma quadrinha de completo desbragamento erótico do homem dos bigodes, com uma focalização da palavra “seios”, como que em *close-up* verbal. A seguir, uma figura corpulenta de mulher, muito decotada, com um anúncio da “Pasta Russa”, que tornaria os seios “DESENVOLVIDOS=FORTIFICADOS=AFORMOSEADOS”. E na parte inferior da página, um depoimento concreto, em tom natural, sobre moça alta, pálida e loura, arrumando-se no quintal.

Espalhadas pelo texto, aparecem muitas notas sinistras, às vezes soltas, algumas baseadas em jornais da época, mas quase todas sem autoria definida. Repercussão da voz de Sade, em desdobramento da epígrafe do livro? Palavras do homem dos bigodes? Ou fusão de ambos? Exemplo (p. 35): “Agora está mesmo morrendo muita gente”. Tudo isso reforçado aqui e ali pelo *leitmotiv* gráfico do M encimado por uma cruz.

Também aqui e ali, a voz de um observador que se prende a pormenores do cotidiano da cidade infestada. Seria a mesma voz do homem das observações sinistras mais soltas? É possível.

Se existe algo de fantasmagórico, de alucinado, nestes fragmentos do real curitibano de 1918, todo o livro está entremeadado de uma narração em tom popular, que relata os fatos simplesmente, sem exageros e, ao mesmo tempo, com plena consciência das tragédias que estavam acontecendo. É o depoimento de certa D. Lúcia em 1976.

Tudo isto acontecia em Curitiba entre meados de outubro de 1918 e 3 de dezembro do mesmo ano. E em meio à tragédia da cidade provinciana, ouvia-se o eco da catástrofe que se desenrolava na Europa. Mas, se era um eco, ele quase sempre chegava tonitruante, triunfal, celebrando as vitórias dos Aliados. E a colagem pura e simples das manchetes dos jornais documenta incisivamente a perplexidade diante dos grandes acontecimentos da História. Assim, na p. 40 se lê:

“A PAZ NÃO ESTÁ TÃO PRÓXIMA DIZ CLEMENCEAU”.

E na página seguinte, passado mais um dia:

“A CESSAÇÃO DA GUERRA COM A ALEMANHA FOI CONFIRMADA”.

Paralelo à voz grandiloquente sobre os acontecimentos na Europa, os jornais têm manchetes pungentes sobre a gripe no Rio de Janeiro, como aquela que trata do “declínio” da epidemia e constata que “os cadáveres já são sepultados”.

O tom triunfalista dos jornais repercute no delírio nacionalista que aparece em algumas notícias de pequenas ocorrências do cotidiano. Os membros da colônia alemã e os próprios brasileiros de origem germânica são mimoseados com expressões como: “cáfila de alemões audaciosos”, “insolência de um boche”, “os súditos alemães que infectam a nossa capital”, etc. Enfim, um delírio nacionalista, um apelo ao irracional, como se presenciaria em nosso país, com maior intensidade e com manifestações de violência, durante a Segunda Guerra Mundial.

Mas, evidentemente, o núcleo de toda a vida da cidade passara a ser a “espanhola”. Um dos jornais, *Comércio do Paraná*, foi procurando minimizar a gravidade da situação. Uma voz tranquilizadora, prudente, apelando para o bom senso da popula-

ção. E esta voz se expressava ora em prosa, ora em verso, chegando a chamar de “gran espanholada” a atoarda em torno da doença. Mas a realidade dos fatos era por demais gritante e, em meio aos apelos à calma, o mesmo jornal se vê obrigado a confessar que deixara de divulgar certas matérias por terem adoecido alguns de seus operários. Teimando, porém, em sua atitude de negar a gravidade do momento, no dia seguinte tratava de explicar, em resposta a “comentários irônicos” (na realidade, uma notícia apresentada maldosamente no *Diário da Tarde*) que se tratava de “simples gripe, aliás comum na estação que atravessamos”. Até na seção de *Vida Social* apareciam notas zombeteiras sobre o medo que as pessoas tinham da influenza. E ao noticiar dois falecimentos ocorridos, não por esta, mas um por tuberculose e outro por lepra, o jornal acrescentava: “Praza a Deus que assim se conserve Curitiba”. Mas aos poucos os próprios comunicados oficiais, que o jornal não poderia omitir, foram reconhecendo a ocorrência do mal, o que obrigou a redação a uma atitude menos categórica. Ao mesmo tempo, ela não poupava ironias contra



JESUS E MARIA

a boataria que se espalhava. Já em 17 de novembro, porém, vê-se obrigada a confessar que o jornal ficara mais condensado, por imposição de “circunstâncias imperiosas”. Dias depois, enquanto o *Diário da Tarde* ainda falava em alto número de óbitos, o *Comércio*, ansioso pela normalização, anunciava o declínio da doença. E no dia 1º de dezembro, rejubilava-se com a abertura dos cinemas no dia seguinte, com “exibições novas de películas atraentes”.

Evidentemente, esta posição do *Comércio do Paraná*, esta sua vozinha insistente e às vezes monótona, no sentido de que tudo ia bem, tinha relação com a preocupação das autoridades em minimizar as conseqüências da doença. Neste sentido, elas chegaram à censura mais declarada, como se vê numa página frontal do *Diário da Tarde*, onde na seção dos artigos de fundo, aparece o título “A influenza”, encimando uma grande mancha branca. E este jornal entra em briga com o *Comércio*, lembrando que o “dever profissional” obrigava a informar honestamente sobre a moléstia. O mesmo jornal protestava contra a censura e as autoridades sanitárias, que estavam ocultando a gravidade da situação, dificultando assim as precauções necessárias.

Não deixam de ser muito engraçados, em meio a este bate-boca e à tragédia que se abatera sobre a cidade, os comentários sobre uma companhia, a de Salvat-Olona, que se exibiu em plena epidemia, quando os cinemas estavam fechados, o que fez o cronista social do *Comércio do Paraná* suspirar pelo tempo em que se podiam ver filmes como “Bigodinho vai à missa” “ou outra coisa igualmente profunda...”.

Um dos comentários a espetáculos da companhia espanhola apareceu em verso. Outras matérias do jornal eram igualmente rimadas. De modo geral, quadras ao jeito popular, em redondilha maior, sem grandes pretensões, e embora os autores possam ter sido vários, na realidade temos aí uma só voz, a do versejador médio, com certa facilidade para o dito espirituoso, e que, não obstante a distância no tempo, não deixa de ter graça. Em outras páginas, porém, surge outro versejador, desenfreado, violento, desbocado, afeiçoado à gíria, mas cujo tom é diferente dos versos do homem dos bigodes. A sua voz é sempre dada em negrito - um efeito tipográfico a sublinhar a virulência da linguagem. Apenas uma vez, a poesia consagrada na época aparece

com seus decassílabos, na voz de Ferreira Leal, falando em ir “deixando o corpo à podridão do Nada”.

Ao mesmo tempo, ouve-se uma voz oficial, que determina, administra e dá conselhos. Dura e seca, burocrática, ela tem os seus cacoetes e os seus preconceitos. Partindo embora de diferentes autoridades, é uma voz única, a voz que vem de cima e que parece dizer a todo momento: “Manda quem pode, obedece quem tem juízo”.

É uma fala que se pretende elevada, com utilização bastante freqüente do subjuntivo e do condicional. Mas, apesar de todo este esforço no sentido de um discurso elevado, a voz oficial não consegue escapar ao ridículo, como naquele relatório do diretor do Serviço Sanitário, que afirmava ter alugado carros fúnebres “para que não ficassem insepultos os infelizes falecidos”.

Esta linguagem burocrática e estereotipada estende-se aos setores mais diversos da população e parece repercutir nas diferentes camadas; ela pode ser detectada até nas mensagens de pêsames ou nos agradecimentos pelas atenções por ocasião de um enterro.

Evidentemente, a voz da medicina oficial, as prescrições médicas, fundem-se nesta mesma voz de autoridade. No entanto, as prescrições são freqüentemente transgredidas, até com respaldo oficial: recomenda-se evitar aglomerações, não fazer nem receber visitas, etc., mas, no dia 21 de novembro, convocam-se os doentes pobres para receber o seu prato de sopa em pontos determinados da cidade.

Se a voz da medicina oficial funde-se com tudo o que vem de cima, por outro lado ela é expressão daquilo que se considera “a voz da razão”, inimiga das credices e superstições. Um documento que se chama “Combate à Gripe”, e que tem a chancela do Ministério da Justiça e Negócios Interiores, é bem característico neste sentido. Entre os “conselhos à população paranaense”, figura, em primeiro lugar, o de “tranqüilidade (grifo do próprio documento) e confiança nas autoridades sanitárias”, seguindo-se uma série de recomendações, de acordo com os conhecimentos na época. Mas o comunicado termina com um aviso: “A homeopatia, o espiritismo e as ervas não curam a gripe, como nenhuma outra doença infectuosa ou parasitária”. Assim, o cientificismo mais rasteiro e preconceituoso tem abrigo num documento respaldado pelo governo federal. E esta voz acaba ecoando em várias



O MEZ DA GRIPPE

NOVELLA DE
VALENCIO
XAVIER

**Cuidado
com a Hespanhola!**

Use o poderoso antiputrido
Balsamo Santa Helena
desinfectante analgesico, in-
migo do mau cheiro!
Empregado em gargarejos,
para a conservação dos den-
tes, contra o mau hálito e
afecções da garganta
Um vidro 1\$500
em todas as pharmacias
Só o Balsamo Sta. Helena

passagens do livro. (Aliás, diga-se de passagem, se ela tem sua origem numa deformação do positivismo e num materialismo vulgar muito em voga em fins do século XIX, não se pode dizer, mesmo hoje, que se tenha calado totalmente em nossa sociedade.)

Em contrapartida, o *Diário da Tarde*, que parecia entrar sempre na disputa com sua colherinha torta, acabou citando um Doutor Saturnino Soares de Meireles, para quem “na homeopatia está a salvação do gênero humano”, além de uma afirmação bem incisiva do próprio Allan Kardec. Ainda, nessa contrapartida das falas populares, aparece na p. 64 o texto de uma bela oração.

Além destas vozes que percorrem a brochura, ora entrecruzando-se, ora lutando entre si, surgem outras, mais isoladas, porém não menos patéticas. É o caso, por exemplo, do “bom homem solteiro” que, em plena gripe, anuncia em jornal estar procurando mulher para viver com ele, ou do jornalista zombeteiro que chamou a atenção para o fato de que a “higiene nas prisões” fora a responsável pelo suicídio de um preso, que ingerira uma dose de creolina.

Aparecem também pequenos casos em meio à epidemia, uns diretamente ligados a ela, outros não, mas todos dentro do mesmo clima de aflição e apocalipse, trazendo, ainda, muitas vezes que se desprendem das páginas amareladas de jornal. Aparece uma vontade desesperada de fugir a este clima; assim, um leitor do *Diário da Tarde* reclama contra a frequência com que os sinos dobram, devido aos contínuos enterros, espalhando “a apreensão, a mágoa e a tristeza”. Há também o jornalista do mesmo *Diário da Tarde* que pede o fechamento das igrejas, em lugar de sua desinfecção, pois “Deus vendo a criolina penetrar no seu templo certamente se sentiria diminuído em meio da radiosidade de seu prestígio...”.

Em cada um destes trechinhos de jornal pode-se vislumbrar uma personalidade e certamente se ouvirá uma voz. Muitas vezes, ela se expressa por um ícone, e o próprio livro, antes de nos passar a relação oficial dos óbitos por gripe em Curitiba e antes do “Fim”, nos dá numa página a imagem de uma dama bem *art-nouveau*, com chapéu de plumas, que nos parece dizer: apesar das mortes e do apocalipse, as vidas continuam, há sorrisos, olhares furtivos, gestos dengosos...

Conforme se constatará facilmente, procurei detectar vozes que se desprendem de *O Mez da Gripe*, sempre de acordo com a teorização desenvolvida pelo grande pensador da literatura que foi Mikhail Bakhtin. Justamente na base desta “novella”, ocorre-me a lembrança de que o teórico russo trabalhou, por um lado, com a ficção clássica, chegando em suas visadas no máximo a Brecht, indiretamente, e a Thomas Mann, e assim mesmo, neste segundo caso, devido sobretudo à relação com Dostoiévski, mas, por outro lado, nos mostrou o contraponto das vozes populares, tão realçadas também por Valêncio Xavier.

O Mez da Gripe, onde este captou admiravelmente o grotesco e a ironia que surgem do registro histórico, dando inclusive algumas pinceladas de “pop”, evidencia que a *polifonia* estudada por Bakhtin aparece de modo muito mais claro e condensado em certas obras modernas; e que os recursos de tipografia, desenho, montagem, etc., podem tornar-se elementos ativos neste diálogo constante que Bakhtin captou tanto nas páginas dos grandes romances como na exuberância do riso popular, com a sua carga de subversão do mundo oficial, tão repassado de seriedade e hipocrisia.